

ENSINO DA ARTE E AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO:

reflexões com e sobre os Professores em contextos escolares

Isabella Ferreira Siqueira

Universidade Estácio de Sá

<https://orcid.org/0000-0002-0747-6832>

Ana Valéria Figueiredo

Universidade Estácio de Sá

<https://orcid.org/0000-0001-5029-3276>

RESUMO

Este texto tem como objetivo investigar como os professores de Arte de uma rede municipal de ensino, localizada no estado do Rio de Janeiro, utilizam e interagem com as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) em suas práticas docentes. Para isso, recorreremos às contribuições teóricas de autores como Moran, Serres, Freire e Libâneo, entre outros, com o intuito de compreender melhor os usos das tecnologias na educação e suas implicações nas práticas pedagógicas. A metodologia adotada é qualitativa e os dados foram produzidos por meio da aplicação de um questionário *on-line*, disponibilizado aos professores da rede. A análise dos dados segue as proposições do método de Análise de Conteúdo, conforme indicado por Bardin. Os resultados evidenciam que o número de professores que utilizam as TIC em sala de aula é significativo. No entanto, constatou-se que, em alguns casos, os docentes se percebem sem a capacidade necessária para o uso eficaz dessas tecnologias, enfrentam dificuldades em sua aplicação e não possuem formação específica sobre o uso didático das TIC.

PALAVRAS-CHAVE: TIC. Ensino de Arte. Educação. Professor do Ensino Fundamental.

Abstract

This text aims to investigate how Art teachers from a municipal school network located in the state of Rio de Janeiro use and interact with Information and Communication Technologies (ICT) in their teaching practices. To this end, we draw on theoretical contributions from authors such as Moran, Serres, Freire, and Libâneo, among others, to better understand the use of technologies in education and their implications for pedagogical practices. The methodology adopted is qualitative, and the data were collected through an online questionnaire made available to the teachers in the network. Data analysis follows the propositions of the Content Analysis method, as proposed by Bardin. The results indicate that the number of teachers using ICT in the classroom is significant. However, it was found that, in some cases, teachers perceive themselves as lacking the necessary skills for effective use of these technologies, face difficulties in their application, and do not have specific training on the didactic use of ICT.

KEYWORDS: ICT. Art Education. Education. Elementary School Teacher.

Resumen

Este texto tiene como objetivo investigar cómo los profesores de Arte de una red municipal de enseñanza, ubicada en el estado de Río de Janeiro, utilizan e interactúan con las Tecnologías de la Información y la Comunicación (TIC) en sus prácticas docentes. Para ello, recurrimos a las contribuciones teóricas de autores como Moran, Serres, Freire y Libâneo, entre otros, con el propósito de comprender mejor el uso de las tecnologías en la educación y sus implicaciones en

las prácticas pedagógicas. La metodología adoptada es cualitativa, y los datos se obtuvieron mediante la aplicación de un cuestionario en línea, puesto a disposición de los profesores de la red. El análisis de los datos sigue las proposiciones del método de Análisis de Contenido, según lo indicado por Bardin. Los resultados muestran que el número de profesores que utilizan las TIC en el aula es significativo. Sin embargo, se constató que, en algunos casos, los docentes se perciben a sí mismos sin la capacidad necesaria para el uso eficaz de estas tecnologías, enfrentan dificultades en su aplicación y no cuentan con formación específica sobre el uso didáctico de las TIC.

PALABRAS CLAVE: TIC. Enseñanza de Arte. Educación. Profesor de Educación Primaria.

Introdução

A tecnologia permeia o humano desde o início da humanidade. O homem e a mulher dominaram seu ambiente como uma necessidade de sobrevivência e, na busca por otimizar suas atividades, a tecnologia passou a fazer parte do cotidiano como um facilitador dos modos de vida, aumentando o acesso ao conhecimento, diluindo fronteiras através da globalização. O percurso histórico e a trajetória da técnica até alcançar a tecnologia tiveram um papel importante na construção da sociedade e, cabe destacar, a produção de um artefato está vinculada ao modo de vida dela. Assim, uma nova época surge, a sociedade informacional, comunicacional, isto é, uma comunicação mais ampla, conectada mundialmente, apontando um novo tempo, o da Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC).

A nova tecnologia traz a incumbência aos professores de ressignificarem seu modo de ensinar, superando seus desafios, adequando-se às metodologias que utilizam os recursos tecnológicos que podem ou não beneficiar efetivamente o ensino e da aprendizagem da Arte (EA), em especial em turmas de Ensino Fundamental.

Nesse sentido, este artigo traz reflexões sobre as docências, em especial, as relativas às novas realidades contemporâneas que atravessam o Ensino da Arte (EA). Reflexões que podem ser norteadas pela seguinte questão: em qual(is) contextos os professores do Ensino de Arte utilizam as TIC nas suas práticas docentes? Buscando responder a essa questão propomos neste artigo¹, apresentar os modos como professores de Arte que atuam em escolas de uma

¹ Este artigo é um recorte da dissertação de Mestrado em Educação intitulada XXXXX (2022).

rede municipal localizadas no Estado do Rio de Janeiro utilizam e interagem com as TIC nas suas práticas docentes.

Organizamos o artigo em três seções, a saber: a primeira seção apresentamos uma reflexão teórica em torno dos temas Ensino da Arte, TIC e Ensino. Na segunda seção descrevemos a metodologia desenvolvida na pesquisa esclarecendo as opções e procedimentos metodológicos. Na terceira seção apresentamos a análise dos dados e finalizamos sinalizando os achados e recorrências que estão imbricados com as docências em Arte e as TIC nos contextos escolares.

O que falam os autores sobre TIC? *Geração Polegar*? Uma denominação que compactua com os jovens atuais que utilizam trivialmente seus polegares para digitar mensagens no telefone celular. Michel Serres (2020) o autor nos apresenta uma personagem, nominada “A Polegarzinha” e essa personagem pode nos ajudar a compreender esse cenário de imersão da vida nas tecnologias.

Serres (2020, p. 20) apresenta o *novo jovem* de maneira harmoniosamente poética, pois “eles não têm mais o mesmo corpo, a mesma expectativa de vida, não se comunicam mais da mesma maneira, não percebem mais o mesmo mundo, não habitam mais a natureza, não habitam o mesmo espaço”. Essa postura está presente nas crianças, nos jovens, em alguns adultos e vai refletir nas dinâmicas dos espaços educacionais, acarretando impetuosos desafios para a escola.

Ao repensar as práticas educacionais mais voltadas para o aluno atual, Serres (2020, p. 11) introduz que “antes de ensinar o que quer que seja a alguém, é preciso, no mínimo, conhecer esse alguém”. O autor ainda questiona: quem é esse novo aluno? E essa nova escola, na qual alunos conectados produzem conhecimento o tempo todo? Questões que nos colocam alertas uma vez que ensinar e aprender é um processo tecido entre sujeitos conectados, ainda que sob diferentes enfoques.

A postura de Lévy (2018) perante a tecnologia é de otimismo sobre a internet, sugerindo-a como uma solução para resolver todos os problemas. O autor relata que a internet faz parte de um movimento internacional entre jovens

com propostas diferentes de se comunicarem e, ainda, de uma sociedade que convive no cotidiano impregnada de sistemas que envolvem a tecnologia. Nos finais dos anos 1980, a tecnologia vincula-se não somente à técnica, mas também a comunicação possibilitando o surgimento das tecnologias digitais. As tecnologias digitais se construíram “como a infraestrutura do ciberespaço, novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, mas também novo mercado da informação e do conhecimento” (Lévy, 2018, p. 32).

É possível perceber que na atualidade as tecnologias se propagam numa velocidade muito rápida e interferem cada vez mais no arranjo de uma sociedade que se mistura com seus avanços tecnológicos. No que se refere à escola e ao diálogo com as tecnologias educacionais é difícil desconsiderar sua presença de modo que a escola não pode negligenciar a existência das tecnologias na vida dos estudantes.

Libâneo (2011, p. 40) aponta que a “a escola continuará durante muito tempo dependendo da sala de aula, do quadro-negro, dos cadernos. Mas as mudanças tecnológicas terão um impacto cada vez maior na educação escolar e na vida cotidiana”. Concordamos com o autor quando afirma que os “educadores são unânimes em reconhecer o impacto das atuais transformações econômicas, políticas, sociais e culturais na educação e no ensino, levando a reavaliação do papel da escola e dos professores” (Libâneo, 2011, p. 9).

Considerando que a tecnologia faz parte das atividades diárias do ser humano e está presente nos contextos escolares, Freire (2021) nos ajuda a pensar esta temática, já que se considerava “um homem do seu tempo” e contribuiu fartamente com textos, nos quais discute o uso da tecnologia no campo educacional. Ele afirma que utilizar um aparelho tecnológico pode ser um fator relevante na prática em sala de aula. Ampliando suas reflexões Freire sinaliza que a escola ainda caminha com intenções tecnológicas tênues e, para haver uma mudança efetiva nesse campo, é preciso que haja também uma mudança na sociedade equivalente ao pensamento atual.

Freire e Guimarães (2021, p. 79) discutem sobre o uso da tecnologia na educação como um fator relevante para a prática educativa, porém Freire destaca que “a prática educativa não muda radicalmente antes que radicalmente

mude a sociedade mesma como um todo, antes que a gente transforme a estrutura da sociedade”. Neste mesmo caminho, os autores afirmam que não se pode ficar passivo e esperar uma reviravolta total, pois podemos caminhar com inserções tecnológicas tênues com a intenção no desenvolvimento da educação.

É plausível para os autores que o uso das tecnologias na escola pode contribuir na colaboração e na construção do ensino e aprendizagem dos alunos. Segundo Freire (2021, p. 105), “é um direito que a gente tem, o de sonhar com o uso desses meios e de lutar para ir fazendo isso”. Uma escola sem medo de conviver e dialogar com o apoio das tecnologias, estaria diante de um lugar de mudança, com propostas mais amplas que possibilitem um papel crítico e ativo do professor.

Guimarães e Freire (2021, p. 148) também apontam que o professor “que reduz a sua atividade profissional a um mero transmissor de informações, sem estimular a criatividade do aluno/leitor para a recriação do conhecimento”, trata-se de um educador bancário e não de um professor emancipador.

Como vimos, é preciso estar atento e com uma posição crítica, observadora e curiosa envolvendo o uso das tecnologias, pois atrás deste movimento pode, além de outros fatores, haver manipulação de uma política autoritária e não ser a melhor maneira de a integrar a uma educação visando à prática de liberdade.

Nesse caminho Moran (2013, p. 58) indica que “as tecnologias móveis, bem-utilizadas, facilitam a interaprendizagem, a pesquisa em grupo, a troca de resultados, porém ao mesmo tempo em que facilitam as trocas banais, o narcisismo, o querer aparecer, o consumismo fútil”. O autor apresenta duas vertentes para a tecnologia móvel, ressaltando que ela pode ser utilizada como um instrumento didático, e manifesta o lado bom para aprendizagem, mas pode apresentar-se como distração e entretenimento, atrapalhando a aprendizagem.

Considerando os apontamentos sobre as TIC e a educação, os olhares não céticos para a temática, é possível considerar que há várias possibilidades de as TIC auxiliarem os processos de ensino aprendizagem de forma crítica e reflexiva. Para não ser o fim da escola é representativo que ela não seja apenas um transmissor de conteúdo, mas a tecnologia seja um meio que agregue valor

ao desenvolvimento educacional, a partir da troca de conhecimentos entre alunos, colegas e professores, facilitando, talvez, a construção de uma aprendizagem significativa, com interesse e vivências no próprio dia a dia.

A escola tem possibilidade de ser um local de “produção da informação” e de “análise crítica” dos conteúdos da informação veiculada aos meios de comunicação e, nesse movimento, é importante que o professor possa contribuir significativamente nos processos que vão desde aproximação com as TIC até o diálogo com diferentes perspectivas de ensino que consideram as TIC parte intrínseca do processo de ensinar e aprender.

No que tange ao Ensino de Arte (EA) e a tecnologia, Ferraz e Fusari (2009) sinalizam que a Arte é uma disciplina essencial para o desenvolvimento do aluno e apontam que todos os conhecimentos pautados na pintura, música, teatro e dança devem ser apresentados aos alunos de modo que o EA vai além da transmissão de conteúdo, se revelando como uma possibilidade de vivência da aprendizagem refletiva e criadora.

O EA vem se transformando assim como os alunos e a sua visão de mundo atual não é a mesma visão de mundo de anos atrás. Na contemporaneidade o aluno, conectado no seu tempo, tem possibilidade de liberdade de escolha, de viver experiências significativas em diversos espaços e de ser escutado por todo o sistema educacional. Estes avanços no que se refere ao diálogo estão interligados com as tecnologias que favorecem a comunicação e o ensino.

Nesse sentido, o Ensino de Arte pode ser beneficiado desses avanços pois “a tecnologia digital propicia novas formas de pensar e fazer arte” (Pimentel, 2011, p. 766), o que possibilita ao professor de arte utilizar as TIC nas práticas pedagógicas dessa disciplina de várias maneiras, buscando o que é mais adequado ao seu contexto, exemplificando as configurações: como criação de produção artística, como ferramenta pedagógica, apresentando imagem ou conteúdo, pesquisas de obras de Arte e artistas, fazendo e criando atividades para mídias.

É importante que esses usos e diálogos necessitam de formação. “É preciso, então, que professor@s sejam preparad@s adequadamente para que,

além de saberem explorar os programas colocados à disposição d@s alun@s, possam realmente propiciar o aprendizado em Arte” (Pimentel, 2003, p. 115).

A lacuna na formação inicial e continuada que oriente os professores no uso pedagógico - e não só técnico- das TIC é parte dos cenários educacionais brasileiros em todos os níveis educacionais e, que por vezes, se não bem trabalhado, recai no afastamento das TIC por parte dos docentes.

Sendo esta a temática deste texto e considerando as contribuições teóricas aqui apresentadas, na próxima seção buscamos delinear os aspectos metodológicos da pesquisa, assim como os achados no que se refere aos modos como os docentes de Arte dialogam com as TIC nas produções de suas práticas docentes.

2. ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

A abordagem metodológica adotada nesta pesquisa² é qualitativa norteada pela investigação em torno de como os docentes de Artes que atuam nos Anos Iniciais e Finais do Ensino Fundamental³ que atuam em escolas de uma rede municipal do Rio de Janeiro, utilizam as TIC na sua prática docente.

Foi aplicado um questionário que teve em vista a coleta de dados *on-line*, confeccionado através do uso da ferramenta *Google Forms*, organizado com perguntas abertas e fechadas tornando a pesquisa mais dinâmica, ampliando as possibilidades de participação dos professores que foram convidados a responder o questionário. A escolha da via assíncrona foi um facilitador no que se refere a um retorno representativo dos dados e se mostrou apropriada em função da facilidade de manuseio do aplicativo e seu uso sem custo para os sujeitos envolvidos com a pesquisa.

No *Google Forms* as respostas aparecem em tempo real e também é possível acessar os dados na íntegra no exato momento da pesquisa. Obtivemos

² Projeto de pesquisa submetido ao Comitê de Ética de Pesquisa e com Parecer Consubstanciado aprovado sob o número 56081222.8.0000.5284.

³ 1º ciclo (1º e 2º); 2º ciclo (3º e 4º); 3º ciclo (6º e 7º anos) e 4º ciclo (8º e 9º anos).

a devolutiva de quatorze professores que fazem parte do corpo de dados da pesquisa e foram analisadas a partir da análise de conteúdo. Os respondentes compõem uma mostra significativa frente ao quantitativo de professores de Ensino de Artes da rede municipal de uma cidade do estado do Rio de Janeiro, *lócus* da pesquisa.

Sobre a matriz de análise das respostas, optamos pela Análise de Conteúdo conforme proposta por Bardin (2011). A autora explica que a Análise de Conteúdo perpassa três fases, a saber: a primeira fase consiste na pré-análise, foi quando selecionamos e organizamos o material, ainda bruto; a segunda fase refere-se à exploração do material, foi quando codificamos e categorizamos o conteúdo e; a terceira fase foi quando desenvolvemos o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

A Análise de Conteúdo de Bardin considera as unidades de registro e as unidades de contexto, as quais, no estudo, estão relacionadas, respectivamente, às narrativas dos respondentes e às respostas do questionário como um todo.

Após a leitura analítica das respostas dos 14 professores emergiram algumas unidades de registro pertinentes, as quais codificamos de modo a delinear as primeiras categorias. Entretanto estas foram consideradas muito amplas e, mais uma vez, escrutinamos e averiguamos como poderiam ser agrupadas em categorias afins, partindo então para a segunda categorização.

Trazemos o Quadro 1 para melhor explicitar o processo: este mostra que as respostas podem ser agrupadas em duas grandes categorias, a saber: *o uso das TIC no Ensino de Artes quanto à interação nas práticas docentes dos professores; e o uso das TIC no Ensino de Artes quanto à disponibilidade dos instrumentos tecnológicos nas práticas docentes dos professores.*

Quadro 1 – Processo de Categorização, conforme Bardin (2011)

	Primeira Categorização	Segunda Categorização
A	Relação Professor/faixa etária Entendimento das TIC e tecnologia Facilidade/dificuldade de uso TIC Importância da formação Conhecimento quanto ao uso das TIC Formação continuada sobre das TIC ofertada pela rede	O uso das TIC no EA quanto à interação nas práticas docentes da rede

B	TIC no EA (uso) Estrutura escolar de uso/TI Disponibilidade de internet nas escolas TIC conectada com docentes e discente Uso do aparelho móvel na sala de aula	O uso das TIC no EA quanto à disponibilidade dos instrumentos tecnológicos nas práticas docentes da rede
---	---	--

Fonte: elaborado pelas autoras (2022)

Pelo Quadro 1 podemos observar o processo que Bardin (2011) aponta, qual seja, a distensão da primeira categorização das respostas sendo organizada de maneira mais sucinta na segunda categorização, ampliando as possibilidades de uma análise mais aprofundada.

3 O QUE DIZEM OS PROFESSORES SOBRE AS TIC E SEUS USOS

O foco deste trabalho é investigar como os professores de Arte de uma rede municipal de ensino localizada em uma cidade do estado do Rio de Janeiro, utilizam e interagem com as TIC nas suas práticas docentes. Quais as considerações destes professores nesse contexto? Há alguma prática docente com as TIC?

Como primeira etapa da pesquisa o questionário apresentado aos professores foi iniciado solicitando como resposta a definição de tecnologia. Apesar de a dúvida ser antiga ainda hoje persiste e, desta forma, procuramos entender como os professores de Arte definem a “tecnologia”.

Os professores respondentes da pesquisa apontam, de forma geral, a tecnologia como uma “ferramenta vista como positiva e facilitadora das tarefas”. Ainda nesta perspectiva e precisando entender como os professores definem as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), ou seja, ainda que seja uma “ferramenta”, quais elementos compõem esse conjunto.

As respostas apontam que os professores de Arte respondentes do questionário definem as TIC, como “uma ferramenta conectada a uma rede”, de modo que as TIC necessitam, em sua maioria, estar conectadas a uma rede de internet. Ou seja, os artefatos, para os professores da pesquisa, só se tornam TIC se conectados *on line*.

No que se refere à categoria *o uso das TIC no EA quanto à interação nas práticas docentes* dos professores respondentes da pesquisa podemos destacar alguns elementos.

Quando perguntados sobre os modos e contribuições das TIC no Ensino de Artes, os professores⁴ apontam como:

- *Ótimo, iria aproximar mundos, derrubar fronteiras (P1).*
- *Uma fonte perene de saber para todos, sem exceção. Desde o docente ao discente. E a comunidade escolar como um todo (P2).*
- *Como elemento potencializador dos conhecimentos a serem apreendidos (P4).*
- *Eu utilizo com frequência (P5).*
- *Na escola em que trabalho tenho possibilidade de trabalhar arte e tecnologia (P11).*

A partir dessas respostas, podemos constatar que, para esses professores, as TIC apresentam relevância no que se refere às interações e usos nos contextos de ensino-aprendizagem, estando em vários espaços sociais, apontando também a necessidade dessa integração das TIC ao espaço educacional, o que poderia trazer mudanças na educação.

De acordo com as respostas, nem todos os professores utilizam as TIC no contexto educacional, porém creem na importância da sua utilização, Contudo, por diversos fatores, não se envolvem de fato, sendo observado nas suas falas que o uso acontece, por vezes, de modo *“muito incipiente. Uso no meu planejamento, para pensar as atividades. Mas o dia a dia é o analógico e olhe lá!* (P1), consequência, talvez, de falta de conhecimento, pois os professores podem *“não [ter] muito conhecimento”* (sobre as TIC) (P3), recaindo em movimentos de *“resistência quanto ao uso, ou utilização precária das diversas possibilidades”* (P5).

É importante destacar que há questões que podem levar esses professores a resistir às TIC na sala de aula, uma vez que no questionário houve unanimidade entre os 14 respondentes os quais confirmaram que as TIC podem contribuir para o Ensino de Artes, porém, entre reconhecer e utilizar de forma constante e explorando todo o potencial destas, há uma lacuna, por vezes intransponível de forma isolada ou sem formação em serviço.

Ampliando esse cenário os professores indicam que:

⁴ Os 14 professores foram nominados simbolicamente, para manter o anonimato, como professor 1 (P1), professor 2 (P2), respectivamente até professor 14 (P14).

- “As TIC enriqueceriam e acelerariam o aprendizado. Pois nossos jovens e crianças já estão aclimatados com a linguagem! O pouco que já faço já tem economizado muito o tempo das minhas aulas! Como trabalho metodologia visual procuro trabalhar tudo com slides e vai muito mais rápido!” (P1).

- “Vivendo hoje em um mundo onde as crianças têm acesso cada vez mais cedo ao uso do celular e das redes sociais, o vídeo, a fotografia e a documentação se fazem necessárias para trazer ferramentas comuns ao cotidiano da criança para o cotidiano escolar” (P2).

Consideramos, a partir das respostas destacadas, que os professores compartilham a visão de que o aluno concebe aprendizagens significativas quando o professor recorre às TIC e as coloca em diálogo com os fenômenos que são vivenciados no cotidiano, motivando-os ativamente e, ainda, com escolhas de conteúdos e métodos mais significativos e inovadores para o contexto da sala de aula. Como elemento complementar identificamos a quantidade de professores que indicam utilizar as TIC na sala de aula. Dos 14 professores participantes da pesquisa, 11 professores utilizam as TIC na sala de aula; 1 professor indica não utilizar; e 2 professores sinalizam o uso descontínuo.

Uma vez que a maioria dos professores indicam utilizar as TIC na sala de aula é importante perguntar sobre os modos como são utilizadas, passando para a investigação de elementos que compõem a segunda categoria: *O uso das TIC no EA quanto a disponibilidade dos instrumentos tecnológicos nas práticas docentes da rede*. Nesse movimento apresentamos o Quadro 2 que nos ajuda com a construção de um olhar panorâmico para os usos das TIC acionados pelos professores.

Quadro 2 - Maneiras sinalizadas pelos professores para os usos das TIC na sala de aula

Professor	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	Total
Pesquisa para o conteúdo da aula	X	X	X	X	X		X	X	X	X	X	X	X	X	13
Interagindo na aula		X	X	X	X		X	X	X	X	X	X	X	X	12
Atividades com a autonomia dos alunos			X	X	X		X	X	X		X			X	08
Proposta de atividade com alunos na sala de aula			X		X		X	X			X				05
Proposta de atividade para o aluno fazer em casa			X		X		X	X			X		X		06

Apresentando as ferramentas de pesquisa e uso.			X		X		X	X	X		X	X		07
Através da produção do aluno			X	X	X		X	X			X	X		07
Outro: Fotografia, pesquisas na web, pesquisa de vídeos etc.			X											01

Fonte: elaborado pelas autoras (2022).

Observando o quadro 2 é possível indicar uma adesão do uso das TIC nas práticas docentes, com exceção do professor 6. Este ao justificar o não uso das TIC nas práticas pedagógicas aponta que: *“Não tenho muito treino com a tecnologia. Não me sinto capacitado/dificuldade para utilizar as TIC, nas minhas aulas. A escola não dispõe de acesso à internet para o professor manusear durante as aulas. Gasto muito tempo para organizar os artefatos, restando pouco tempo para usufruir do planejamento”* (P6).

O Professor 7 marcou todas as opções apresentadas para os modos que utiliza as TIC, também afirmou que às vezes utiliza as TIC nas práticas pedagógicas. E justificou a eventualidade do uso com as seguintes opções: *“Não tenho muito treino com a tecnologia. A escola não dispõe de um artefato/aparelho apropriado para o professor manusear durante as aulas. A escola não dispõe de acesso à internet para o professor manusear durante as aulas. Gasto muito tempo para organizar os artefatos, restando pouco tempo para usufruir do planejamento. A escola não é organizada para utilização das TIC”* (P7).

O Professor 8 respondeu que utiliza as TIC na aula de aula e justifica marcando todas as opções que mostram os vários modos de uso, mas reporta a mesma dificuldade indicada pelos professores 6 e 7 sobre a falta de estrutura das escolas no que se refere à disponibilidade das TIC, em especial a não disponibilidade de *“acesso à internet para o professor manusear durante as aulas”* (P8). O professor P13 indica três modos de uso das TIC na sala de aula e também ratifica os problemas indicados pelos colegas e sinalizados acima.

Partindo desse cenário é possível identificar que há muitos desafios concernentes ao uso das TIC nas práticas docentes, estando estes atrelados a aspectos de estrutura física das escolas, a falta de aparelho apropriado,

implicando no tempo gasto com seus manuseios, chegando até a pouca experiência dos professores com o uso das TIC nos processos de ensino aprendizagem. Problemas coletivos e singulares que habitam os contextos escolares.

Um dos aspectos presentes, contemplados pelos professores, é que eles se consideram sem formação e por vezes sentem-se sem capacidade e com dificuldades para utilizar as TIC, ou sem treino para lidar com elas, estando distantes das linguagens dos jovens, precisando se atualizar. Tentando entender este aspecto investigamos o nível de conhecimento que os professores consideram ter das TIC na prática pedagógica.

Sobre o conhecimento quem têm sobre as TIC, os professores se classificam com conhecimentos entre razoável a fraco. Constatamos um total de 10 professores que se declaram com conhecimento razoável sobre as TIC, o que acreditamos ser um número muito alto em relação aos que consideram ter um conhecimento muito bom e bom, que alcançam um total de 04 professores.

Buscando esclarecer os dados, é possível indicar que 11 professores, dos 14 participantes da pesquisa, já participaram de formação na área das TIC ofertada pela rede de ensino no contexto da pandemia; 2 professores nunca participaram e 1 professor começou alguma formação e não concluiu.

O nosso pressuposto para entender o nível de conhecimento dos professores e a realização ou não de formação relacionada com as TIC, baseia-se na ideia de que essa condição está crucialmente ligada ao uso/interação das TIC nas práticas docentes. A partir desta hipótese, analisamos *a priori* os professores que se consideram *fraco* e *razoável* no nível de conhecimento das TIC, com o intuito de ampliar a compreensão das relações entre formação e uso das TIC no ensino de Arte.

Tendo como foco o pressuposto do nível de conhecimento dos professores que se dizem *fraco* e *razoável*, iniciamos a análise pelos professores que se consideram *fracos* P1, P6 e P7.

P1 e P6 se consideram *fracos*, em relação ao nível de conhecimento das TIC, embora tenham participado de formações oferecida pela Secretaria Municipal Educação (SME). P1 assinala que o curso ofertado teve serventia na

sua prática docente, porém, ainda assim não se sente completamente capaz de utilizar as TIC na sala de aula, visto que não conseguiu finalizar todo o curso proporcionado pela SME, reconhecendo sua falta. P6 afirma que participou de cursos na área de TIC, inclusive oferecido pela SME, mas salienta que os cursos ofertados, no que refere às TIC, não contemplavam um conteúdo relevante ao uso das TIC na sala de aula. P7 também se considera *fraco* em relação ao nível de conhecimento das TIC.

P3 considera-se *razoável* em relação ao nível de conhecimento das TIC, mas ratifica a colocação de P7 no que se refere a constatar que o professor não adquiriu nenhuma formação relacionada as TIC. Porém o próprio professor P3 manifesta o motivo de nunca ter feito nenhuma formação nesta área apontando que “*nunca teve oportunidade, nem tempo*” (P3).

P2, P4, P10 e P13 são professores e englobam as mesmas características no que se refere a formação para o uso das TIC. Consideram-se *razoável* em relação ao nível de conhecimento das TIC, participaram de formação sobre esses conhecimentos, inclusive na SME, e ainda mencionam que tais cursos foram produtivos nas práticas docentes.

Entretanto, alguns relatam dificuldades para participar dessas formações, pois, “*são muitas aulas por semana e acabam diminuindo as possibilidades de reciclagem constante dos professores, fiz apenas uma formação curta (P4)* e outros admitirem que não concluíram o curso ofertado pela rede.

Analisando os professores P9 e P12, que se consideram *razoável* em relação ao nível de conhecimento das TIC, compreendemos que os próprios professores buscaram as suas formações e não participaram de cursos oferecidos pela SME. Deduzimos que o desenvolvimento desses conhecimentos sobre as TIC tem a probabilidade de estar relacionado a outros meios de aprendizagem, a autoaprendizagem, com familiares, amigos etc.

Após a exploração e análise dos professores que se consideram *fraco* e *razoável* em relação ao nível de conhecimento das TIC, ficamos intrigados com as falas dos professores que se identificaram como *Muito bom* e *Bom*.

O Professor 5 menciona haver participado de formações externas e internas ofertadas ou não pela rede, entretanto seu ponto de vista em relação à

formação das TIC ofertada pela SME não foi benéfica no que se refere à prática docente. Entendemos que P6 teve esse mesmo olhar para as formações oferecidas pela SME, de modo que elas não contemplavam o que realmente era necessário para o uso das TIC na prática docente. O mesmo não aconteceu com P8 e P14, pois estes professores se consideram *bons* em relação ao nível de conhecimento das TIC, reportam haver participado de formações externas e internas às TIC e que usufruíram das formações proporcionadas pela SME, sendo esta percepção também verificada nas respostas dos professores P1, P2, P4, P10, P12 e P13.

Revisitando o nosso texto, pensamos ser interessante realizar uma comparação/cruzamento da interação e dos modos que as TIC são utilizadas pelos professores nas práticas docentes, e a visão do professor com nível de conhecimento das TIC de modo a ampliar nossa investigação, conforme tabela 6, apresentada a seguir.

Quadro 3 - Nível de conhecimento/ Maneiras que interagem com as TIC

					X					X				
Muito Bom					X					X				
Bom							X	X						
Razoável			X	X					X			X	X	
Fraco	X					X	X							
Valor/ professor	P 1	P 2	P 3	P 4	P 5	P 6	P 7	P 8	P9	P 10	P 11	P 12	P 13	P 14
Pesquisa para o conteúdo da aula	X	X	X	X	X		X	X	XX	XX	XX	XX	XX	XX
Interagindo na aula.		X	X	X	X		X	X	XX	XX	XX	XX	XX	XX
Atividades com a autonomia dos alunos.			X	X	X		X	X	XX		XX			XX
Proposta de atividade com alunos na sala de aula.			X	X	X		X	X			XX			
Proposta de atividade para o aluno fazer em casa			X		X		X	X			XX		XX	
Apresentando as ferramentas de pesquisa e uso.			X		X		X	X	XX		XX	XX		
Através da produção do aluno.			X	X	X		X	X			XX	XX		
Outro: Fotografia, pesquisas na web, pesquisa de vídeos etc.			X											

Fonte: elaborado pelo autoras (2022).

Visualizando o Quadro 3, duas concepções se destacam. P7 considera-se *fraco*, no nível de conhecimento das TIC, no entanto, tem uma grande variedade de interação com as TIC em sua prática docente. Ao contrário de P14, considera-se *Bom* no nível de conhecimento, mas quase não tem variação na interação das TIC. Tentando entender como esse fato acontece, do professor ter um bom conhecimento no uso das TIC, mas não as integrar à sua prática docente, percebemos que para esse propósito seria preciso recorrer às análises anteriores.

Nessa perspectiva, encontramos nas respostas ao questionário esclarecimentos apresentados pelo professor nesse contexto. Como já constatamos, o motivo manifesta-se através de dois aspectos. Um dos motivos foi analisado anteriormente e está ligado à ausência de formação em TIC, conseqüentemente, à dificuldade de interação e de fazer o uso na sala de aula. Outra razão é a falta da estrutura física, de aparelhos tecnológicos e acesso à internet nas escolas. Nesse caminho, consideramos que os apontamentos de P14 podem ser compreendidos dentro desses pontos, estendendo essa possibilidade à maioria dos professores que participaram da pesquisa.

Reconhecemos que P1, P6 e P7, que se consideram fracos no uso e interação das TIC, de fato, possuem dificuldades com seu uso em vários artefatos tecnológicos. No entanto, nota-se que todos os professores têm *facilidade* ou *muita facilidade* no uso do celular, inclusive aqueles que se percebem como fracos. A maioria dos professores indicam *muita facilidade* e *facilidade* no uso das *Smart/TV* e o *Laptop/Notebook*, com exceção de P6 que alega ter dificuldade em atuar com as TIC.

Como nosso estudo procurou identificar os modos que os professores utilizam e interagem com as TIC nas suas práticas, a proposta do questionário contempla também essa questão, sobre a estrutura escolar, suporte tecnológico e acesso à internet. Identificamos essa problemática quando analisamos a organização das escolas quanto às estruturas tecnológicas, em paralelo à identificação dos professores.

Considerando que a pesquisa contempla 14 professores, notamos que apenas P10 e P11 têm a sua disposição um espaço apropriado para fazer o uso

das TIC, Laboratório de Informática/sala de multimídia, apontando a utilização das TIC nas práticas docentes. Essa amostra demonstra que há dificuldades de inserção da nova tecnologia no ambiente escolar.

Entretanto, apesar de os professores P2, P3, P5, P8 e P13 não disporem de uma infraestrutura adequada na escola para o uso das TIC, empregam de alguma forma os aplicativos de Arte nas suas práticas de sala de aula, talvez, manuseando o próprio aparelho tecnológico do aluno, mas não iremos nos fixar nesse quesito, deixando a pista para outro pesquisador.

Podemos constatar que existe um indicativo peculiar que abrange o uso das TIC pelos professores de Arte, que sem dispor de um espaço adequado e ainda sem acesso à internet, conseguem explorar como recurso metodológico, contribuindo para produção de conhecimento dos alunos. Porém, estes êxitos não são suficientes para esquecermos a falta de formação em TIC, a falta de equipamentos tecnológicos na escola ou espaço apropriados para o ensino de arte e as interações com as TIC. Possivelmente, os professores sonham com dias melhores no cotidiano das escolas, acreditam e lutam para a efetiva evidência das novas tecnologias na escola, mas a luta impõe questões que nos aflige.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos este texto dialogando com diferentes contribuições teóricas sobre os usos e importância das TIC nos contextos escolares e considerando os cenários contemporâneos é difícil não concordar que a educação precisa de um novo olhar, uma nova postura perante os vários conhecimentos e possibilidades tecnológicas. Precisamos de uma escola que dialogue fluentemente com tudo isso, porém, como seria essa nova escola? Qual o perfil do novo aluno?

A sala de aula tradicional, como sinaliza Serres (2020), não é mais a mesma, um “novo caos” aflora, alunos “tagarelas” brotam, agora com o saber nas mãos conectados à internet, fazendo pesquisas *on-line*, “livres das correntes” que os prendiam às cadeiras, “motoristas” que conduzem seu saber. Alunos interagem com os outros, conversam, trocam saberes e estão cada vez mais desinteressados pela fala do professor. Este é o perfil do aluno atual e a escola permanece com a mesma estrutura do século passado.

Nesse caminho encontramos que o número de professores que utilizam as TIC em sala de aula, em uma rede municipal é significativo. Poucos indicaram não utilizar as tecnologias, outros utilizam de maneira moderada pelo fato da falta de treino, pela capacidade/dificuldade e ainda pela falta de artefato/aparelho apropriado e falta acesso à internet na escola.

Sendo assim, duas questões surgiram quanto ao não uso das TIC: um dos motivos contemplados são professores sem formação, sem tempo disponível, com carga horária muito grande, professores que se sentem sem capacidade e com dificuldade para utilizar as TIC, ou sem treino para lidar com elas, distante das linguagens dos jovens, mas sabendo da necessidade de se atualizar.

É preciso considerar que a partir dos anos 2019, em especial por causa da pandemia de COVID-19, algumas mudanças aconteceram no mundo todo, abalando muitas estruturas institucionais, inclusive a educacional. Uma época que sem dúvida marcou a sociedade em vários aspectos, tanto quanto negativamente como positivamente. Desta forma, uma reflexão relevante se fez presente na pandemia de COVID-19, pois as pessoas tiveram de se adaptar às novas e impostas situações do isolamento e precisaram procurar soluções para continuar operando a rotina no dia a dia, sendo em sua maioria alcançada via uso da tecnologia conectada.

A comunidade escolar foi obrigada a acelerar o processo de aprendizagem e adaptação tecnológica e se capacitar. As profissões que portam um movimento radical em função de uma revolução tecnológica e, no caso desta pesquisa, a comunidade escolar, tiveram a possibilidade de vivenciar durante o isolamento social provocado pela pandemia diferentes aspectos sobre o ensinar e aprender interagindo com a tecnologia, além de um grande estranhamento de quase todos os sujeitos na produção desse processo de aproximação e adaptação necessários aos usos das tecnologias nos espaços e tempos antes destinados à escola⁵.

⁵ Os dados apresentados neste texto foram produzidos nos meses de xxxx de 2022.

Os benefícios e as infinitas possibilidades que a educação atrelada à tecnologia possibilitam não é acessível a todos sujeitos que compõem os contextos escolares. Ou seja, não basta aparelho, é necessário conhecimento e formação sobre como essa tecnologia pode auxiliar nos processos de ensinar e, para além disto, é importante pensarmos uma escola que assume a tecnologia como parte integradora de suas práticas. Um fato que não vai depender dos professores, mas dos seus gestores.

Os professores que participaram desta pesquisa aceitam e concordam que os alunos devem utilizar as tecnologias na sala de aula. Esta é a voz desses professores de Arte. Nós, como docentes e pesquisadoras, concordamos com nossos colegas, mas destacamos que há a emergência de uma questão complexa: o uso das TIC não está vinculado a realidade de algumas instituições, nós professores lecionamos em escolas sem espaços adequados, sem o aparato tecnológico e nossos gestores, por vezes, oferecerem formações continuadas que não contemplam as necessidades dos professores, em especial, que as formações superem a defasagem das TIC e cheguem ao uso didático, interativo e atual.

No que se refere à contribuição dos docentes de Arte que atuam nas Redes Públicas, destacamos que em relação à temática da pesquisa eles apontam que o diálogo entre a tecnologia e a Arte é atravessado por um impasse, não só na inserção das TIC, mas com a necessidade da existência de um simples espaço físico para a Arte na escola.

Mesmo considerando possíveis limitações desta pesquisa compreendemos ser possível aprofundar o diálogo sobre os usos das TIC nos contextos escolares, em especial, as que envolvem o ensino de arte como disposto nos documentos oficiais mais recentes, além de contribuir para a construção de um olhar especial dos gestores educacionais, no que se refere à implementação efetiva de políticas públicas e de formação continuada voltadas para o diálogo e para o uso das TIC no espaço escolar.

Esse contexto é pertinente e relevante para o campo, em especial quando observa o diálogo com o novo cenário em que a tecnologia adentra as salas de

aula, uma realidade contemporânea que possibilita o acesso ao mundo globalizado, e se torna parte da vida atual do aluno.

Referências

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini; VALENTE, José Armando. *Tecnologia e Currículo: trajetórias convergentes ou divergentes?* São Paulo: Paulus, 2011.

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini; VALENTE, José Armando. Integração Currículo e Tecnologias e a Produção de Narrativas Digitais. *Currículo sem Fronteiras*, [online], v. 12, n. 3, p. 57-82, 2012. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/>. Acesso em: 17 jul. 2021.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Editora 70, 2011.

BARBOSA, Ana Mae. *A imagem do ensino da arte*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

BARBOSA, Ana Mae. Arte-educação no Brasil: realidade hoje e expectativas futuras. *Estudos Avançados*, v. 3, n. 7, p. 170-182, 1989. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40141989000300010>. Acesso em: 8 jul. 2022.

BRASIL. Lei n.º 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília, 26 jun. 2014.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/SEF, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 10 jun. 2021.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 10 jul. 2020.

DUSEK, Val. *Filosofia da tecnologia*. São Paulo: Loyola, 2006.

FREIRE, Paulo. Conscientização e alfabetização: uma nova visão do processo. *Universidade de Recife*, p. 1-17, 1963. Disponível em: <https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/11/Paulo-Freire-Conscientiza%C3%A7%C3%A3o-e-alfabetiza%C3%A7%C3%A3o-Uma-nova-vis%C3%A3o-do-processo.pdf>. Acesso em: 10 out. 2021.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

KENSKI, Vani Moreira. *Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação*. Campinas: Papirus, 2012.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2018.

LIBÂNEO, José Carlos. *Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente*. São Paulo: Cortez, 2011.

MORAN, José Manoel. *Novas tecnologias e mediações pedagógicas*. Campinas: Papirus, 2013.

OLIVEIRA, Maria José Negromonte; FALCÃO, Taciana Pontual. Arte e tecnologia: uma revisão sistemática dos anais do Confaeb sobre as possibilidades didáticas com o uso de dispositivos móveis no ensino de artes visuais. In: MIGLIORINI, Jeanine Mafra (org.). *Reflexões sobre a arte e o seu ensino*. Ponta Grossa: Atenas, 2018, p. 76-92.

PEDROSA, Stella Maria Peixoto de; COSTA, Ana Valéria de Figueiredo da; MAMEDE-NEVES, Maria Aparecida Campos. Entre fáusticos e prometeicos: a busca de uma terceira via para a utilização das tecnologias na educação. *Revista UFG*, Goiânia, v. 21, n. 27, 2021. DOI: 10.5216/revufg.v21.69966. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/69966>. Acesso em: 6 nov. 2022.

PERES, José Roberto Pereira. Questões atuais do ensino de arte no Brasil: o lugar da arte na Base Nacional Comum Curricular. *Revista do Departamento de Desenho e Artes Visuais do Colégio Pedro II*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 24-36, ago. 2017.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. Tecnologias contemporâneas e o ensino da arte. In: BARBOSA, Ana Mae (org.). *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. São Paulo: Cortez, 2003, p. 113-121.

SERRES, Michel. *Polegarzinha: uma nova forma de viver em harmonia, de pensar as instituições, de ser e de saber*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.